

## O estágio supervisionado na educação infantil: práticas e reflexões

*Camile Tatiane de Oliveira Pinto*  
Unespar/Câmpus Curitiba 1 Embap  
[camiletatiane@gmail.com](mailto:camiletatiane@gmail.com)

*Fabio Samuel Preu*  
Unespar/Câmpus Curitiba 1 Embap  
[fabiopreu@yahoo.com](mailto:fabiopreu@yahoo.com)

*Klaiton Thailor da Cruz*  
Unespar/Câmpus Curitiba 1 Embap  
[kthailor@gmail.com](mailto:kthailor@gmail.com)

**Resumo:** Nos cursos de Licenciatura, o estágio é uma etapa formativa obrigatória que tem como objetivo o aprendizado de competências do ensino de música em diferentes contextos, sendo a educação infantil um destes. O objetivo deste artigo é apresentar o percurso de dois estudantes em fase de estágio, problematizando questões sobre o ensino de música e sobre a profissionalização docente. Por meio de um relato estruturado, o exercício crítico da experiência permitiu a ampliação das concepções sobre a música na escola das aspirações profissionais dos envolvidos. O trabalho pretende contribuir com a área da formação de professores e suas especificidades no que se refere aos diversos campos de atuação do licenciado.

**Palavras-chave:** estágio supervisionado; educação infantil; relato de experiência.

## O Estágio em Música e a profissionalização docente

De caráter obrigatório, o estágio é uma etapa formativa e supervisionada que integra os cursos de licenciatura em música brasileiros. Ainda que o estudante possa ter como uma ambição profissional a prática instrumental e o seu ensino (Shiozawa; Protássio, 2019), o escopo do curso é o de formar professores de música para atuar na educação básica, além de outros espaços não escolares (Brasil, 2019). Portanto, no estágio, o exercício da prática docente tensiona diferentes questões que, no caso deste relato, envolvem a disponibilidade dos estudantes (que estudam em período noturno e precisam fazer o estágio em outro período), a carga horária referente às observações, ao planejamento e às regências, a

adaptação aos diferentes ambientes e faixas etárias e, também, a compatibilidade com a atividade docente com públicos com os quais não há identificação pessoal.

O objetivo deste relato de experiência é o de apresentar o percurso de dois estudantes em fase de estágio, problematizando questões sobre o ensino de música e sobre a profissionalização docente dos licenciandos em questão. O estágio em questão ocorreu na disciplina de Estágio Supervisionado 1 (que tem como foco qualquer segmento do ensino básico, à escolha/disponibilidade do estudante), do terceiro ano do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, câmpus Curitiba 1 Embap, na cidade de Curitiba, Estado do Paraná. Esta foi a primeira disciplina de prática docente da turma e, portanto, uma atividade distinta daquelas já vivenciadas no curso.

Nas primeiras aulas, no momento da explicação dos pormenores da disciplina, um desconforto e apreensão foram notados por parte da turma, em razão das questões acima indicadas. Uma das questões foi colocada por um dos autores do trabalho que afirmou não querer atuar na educação infantil, dispendo-se a estagiar em qualquer outro segmento do ensino fundamental. Quando questionado, alegou uma não identificação com essa faixa etária. A partir desta colocação, foi discutido um dos aspectos do estágio, como “um espaço que possibilita ao estudante, futuro professor, observar, analisar, atuar e refletir sobre as tarefas características de sua profissão” (Mateiro, 2014, p. 21).

No decorrer das aulas, os dois estudantes se organizaram e buscaram uma escola municipal para realizar o estágio, inicialmente com uma turma do 5º ano dos Anos Iniciais. Porém, ao apresentarem-se na escola para iniciar as observações, a direção solicitou a mudança de campo, em razão da superlotação da sala do 5º ano, que possivelmente impactaria de forma negativa nas atividades. Curiosamente, a direção ofereceu a turma do pré único, formada por crianças com idades entre 4 e 5 anos, ou seja, a faixa etária com a qual os estagiários haviam optado em não trabalhar.

Após uma breve conversa, os estudantes aceitaram o que chamaram de “desafio”, ainda que fora de seu cenário ideal de atuação. Essa oportunidade de vivenciar diferentes experiências docentes pode contribuir para o exercício reflexivo e autônomo do licenciando (Shiozawa; Protássio, 2019) que, neste trabalho, foi o catalisador de uma ampliação da percepção das possibilidades de profissionalização. Portanto, o relato desta experiência do

estágio, entendido como uma descrição da intervenção (Mussi; Flores; Almeida, 2021) será pormenorizado em suas diferentes etapas, permeado por referenciais e reflexões que surgiram ao longo do processo.

## **As atividades desenvolvidas**

O estágio foi organizado da seguinte forma: duas aulas de observações e cinco aulas de regência, semanais e com duração de 1 hora e 40 minutos. A turma em questão não contava com um horário exclusivo ou com uma professora que trabalhasse especificamente com a aula de arte/música, de forma que a dupla foi supervisionada pela professora regente, generalista.

O primeiro contato com a turma em que o estágio ocorreu foi na aula de observação, que iniciou com os alunos sentados num tatame e com uma música como forma de chamar a atenção para as atividades seguintes. Ao longo da aula da professora, foi possível observar a curiosidade das crianças em razão da presença dos estagiários. Neste primeiro contato, dois aspectos chamaram a atenção: a rotina estabelecida pela professora e o fato de que uma das alunas não participava das atividades. Entendemos, depois, que a aluna está inserida no diagnóstico do espectro autista. A educação inclusiva consiste em uma realidade dos sistemas de ensino, portanto a formação do professor de música precisa incluir conhecimentos relativos a isso (Pinto; Lüders, 2023).

Para iniciar a etapa de regência, a primeira coisa a fazer foi repensar o Plano de Ensino e por consequência os Planos de Aula, buscando materiais de apoio como a BNCC - Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Aqui houve uma grande expectativa de como trabalhar com alunos não alfabetizados: como e quais atividades trabalhar? Qual é a linguagem mais assertiva? Quais os conteúdos? Estes questionamentos são característicos do Estágio, pois é uma área que provoca a articulação dos conhecimentos da área da educação musical, da educação e de diferentes naturezas (Bellochio; Beineke, 2007),

Com base na BNCC, “Objetivo EI03TS03 Reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons” (Brasil, 2018), os licenciandos decidiram trabalhar o elemento básico da música – o som, e assim foi estabelecida a unidade temática do Plano de Ensino. Este continha

cinco aulas, nos quais foram trabalhados o conceito de som e as suas qualidades (ou propriedades). Sempre buscando a experimentação por parte dos alunos, as aulas foram compostas de explanação de conteúdos (com auxílio de vídeos), participação ativa dos alunos produzindo sons, ou reagindo a eles (corporalmente, oralmente) e no final um momento de “volta à calma”, com um registro na folha de papel – desenho, por exemplo. A estruturação dessa sequência de aula surgiu da observação, ou seja, a rotina que a professora de Artes já vem trabalhando com a turma.

A primeira aula teve como tema “Conhecendo o som e ouvindo músicas”. Com os alunos sentados no tatame, com questionamentos sobre se gostam de música e que música ouvem, bem como em quais ambientes ocorre a experiência musical. Seguindo com a aula, foram apresentados dois vídeos, um com música apenas vocal e outro com execução de uma banda marcial (música de formatura militar), para explorar diferentes vertentes musicais. Na sequência, ocorreu uma atividade com as crianças livres pela sala para que reagissem às diferentes músicas que ouviam: deitando, dançando, marchando, pulando, conforme escolhessem responder aos estímulos musicais. O tema instrumentos musicais foi então trabalhado a partir da canção “A Loja do Mestre André”, e para encerrar, foi disponibilizado materiais para os alunos desenharem algo correspondente à canção.

O uso do registro no ensino de música é discutido por Mantie e Ilari (2019), que afirmam que “desenhar em resposta a uma experiência musical tem um enorme potencial porque expõe crenças e suposições sociais e culturais subjacentes que crianças e adultos podem ter sobre a música e a produção musical” (Mantie; Ilari, 2019, p. 388). Neste sentido, Xxxx (20xx) relaciona ainda o desenho como uma possibilidade de instrumento de avaliação, fato que foi observado na prática pelos estagiários e utilizado nas aulas seguintes com esta finalidade.

Na semana seguinte, os estagiários retornaram para a segunda aula, “Propriedades do som – duração e intensidade”. Novamente o início da aula ocorreu com os alunos sentados no tatame, sendo trabalhados alguns conceitos: revisão de som e introdução das propriedades do som, com ênfase em intensidade e duração. Essa explicação ocorreu com o apoio de vídeo, percussão corporal e explanação. Na sequência houve uma atividade de movimento: assim que ouvissem um som forte deveriam pular, se fosse fraco sentar no chão (diferente da

atividade da primeira aula, esta atividade teve uma ação definida previamente). Para a finalização da aula foi realizada uma atividade de registro no papel, baseada na Técnica Composicional “Melodia das Montanhas” de Heitor Villa-Lobos (Mateiro, 2016): executados alguns sons com uma flauta doce (com variação na duração do som), os alunos deveriam desenhar o que percebem, formando uma linha tracejada, com traços de tamanhos diferentes: som longo – traço grande, por exemplo. Para auxiliar, no quadro, foi apresentado um exemplo, enquanto um estagiário executava os sons, o outro desenhou no quadro, mostrando uma linha resultante de tais variações. Grande parte dos alunos conseguiu executar essa tarefa.

A terceira aula, “Propriedades do som – altura e timbre”, manteve a rotina, mas com a revisão de som, das propriedades do som (intensidade e duração) e introdução do novo conteúdo: altura e timbre. Porém, nesta aula tivemos a introdução de sons emitidos por instrumentos, o que trouxe grande atenção e participação dos alunos. Para desenvolver a aula foram utilizados o metalofone, xilofone, pequenos tambores e flauta doce, todos instrumentos que a escola possui. Foram demonstradas as diferenças entre os timbres dos instrumentos, bem como as diferenças das vozes dos professores – numa espécie de desafio, os alunos ficaram de costas para o professor e tinham que tentar acertar o emissor do som. Após essa atividade foi trabalhada a questão de altura com auxílio dos instrumentos musicais, mostrando a diferença entre os sons graves e agudos. Na sequência, houve a utilização dos instrumentos por parte de todos os alunos, que livremente puderam manusear e explorar o material. Para finalizar a aula, foi realizada uma atividade no papel, onde desenharam dois emissores de som, um agudo e outro grave – podendo ser um animal, um objeto qualquer ou um instrumento musical. A maior parte dos alunos desenhou animais, pois os vídeos do início da aula trouxera este tipo de exemplos: leão – som grave, passarinho – som agudo.

A próxima regência foi para um momento de vincular outras vertentes das artes, pois a quarta aula teve como tema “Construindo um instrumento musical”, na qual construímos um chocalho. Devido ao tempo e para evitar acidentes, os licenciandos já trouxeram os objetos parcialmente prontos, cabendo aos alunos a decoração do seu chocalho e a exploração das sonoridades. Inicialmente, retomamos brevemente os conteúdos das aulas anteriores e depois, apresentamos vídeos sobre chocalhos, tanto modernos como seu uso

pelos povos originários. Após isso, demonstramos como os chocalhos foram construídos, ressaltando a diversidade de timbres e alturas a partir dos diferentes materiais usados nos instrumentos. Reforçando a variação timbrística, foi oportunizado a cada aluno uma execução livre, para que eles possam ouvir as diferentes sonoridades. Finalizando a aula os licenciandos fizeram um experimento rítmico usando musicograma, com auxílio de vídeos.

A última aula deste período de estágio, “As notas musicais”, trouxe uma referência aos nomes das notas musicais e sua relação com a altura. Para exemplificar, utilizamos vídeos e objetos e instrumentos musicais (metalofone, xilofone e flauta doce). Na atividade, os alunos fizeram uso dos xilofones – com poucas notas (plaquetas) para desenvolverem atividades específicas: num primeiro momento deixar duas plaquetas em cada extremos (grave e agudo) trabalhando a questão de altura; num outro momento, para reforçar o aprendizado das notas musicais – foram colocados 5 xilofones com apenas uma nota em cada, na ordem – dó, ré, mi, fá, sol, para trabalho da música Pastorzinho. Cada criança tocou a nota correspondente conforme o comando.

Percebemos que, dado o grau de complexidade da atividade, seria necessário repeti-la em outras aulas, pois o resultado inicialmente pensado não foi alcançado. Para encerrar a aula, os estagiários levaram seus instrumentos musicais, flauta transversal e tuba. Apresentamos os instrumentos, fizemos pequenas execuções e deixamos os alunos explorarem (apenas com as mãos). Esta foi a atividade com a qual a aluna com TEA mais se engajou, experimentando as chaves, sentindo o material e ouvindo o som que tocamos com curiosidade e atenção.

## **A reflexão sobre a prática**

O percurso de dois estudantes de licenciatura em música ao longo do estágio supervisionado foi marcado por diferentes momentos. Inicialmente, a recusa de atuar na educação infantil, transformou-se no aceite em abrir-se para o novo e, talvez, menos confortável, mobilizando um movimento interno: “O encontro consigo mesmo é o encontro com a dimensão pessoal do professor: suas crenças, valores, dilemas, posturas” (Pires, 2023, p. 23).

Os estagiários têm interesses e uma vivência profissional centrada no tocar e no ensino de instrumento, que pouco se assemelha com o contexto no qual atuaram. Nesse sentido, permanece válida a questão apresentada por Penna (2007), e reiterada por Pereira (2023), de que a formação na licenciatura em música deve extrapolar a prática instrumental ou vocal. O domínio do instrumento e a vivência como musicistas, embora importantes, foram insuficientes para a ação em sala de aula. Apenas na “música em si” não temos todas as indicações sobre como planejar o ensino-aprendizagem, o desenvolvimento de estratégias que atendam às diferentes necessidades de diferentes alunos e espaços, ou sobre o desenvolvimento de currículos (informais ou formais) para situações específicas (Silverman; Elliot, 2019).

A educação básica e, de forma específica, a educação infantil, foram elementos que impactaram na profissionalização dos licenciados. A autonomia de planejar e buscar a articulação entre os conteúdos e práticas do curso, a busca pela construção de uma unidade didática, do uso de recursos adequados ao contexto foram alguns dos fatores que estimularam a ampliação das concepções do que é ensinar música, A cada aula, na ação - reflexão, novos caminhos foram buscados, novas compreensões foram construídas e uma profissionalidade docente diferente foi formada.

## Referências

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; BEINEKE, Viviane. A MOBILIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS PRÁTICOS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM ESTUDO COM ESTAGIÁRIOS DE MÚSICA DA UFSM/RS. Revista Música Hodie, v. 7, n. 2, p. 73-88, 2007.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 2, de 20 de dezembro de 2019. Brasília, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>

MANTIE, R.; ILARI, B. "He sings with rhythm; he is from India": Children's drawings and the music classroom. In: Elliott D. J., Silverman M., McPherson G. E. (Eds.), Oxford handbook of philosophical and qualitative assessment in music education (pp. 365–392). Oxford University Press, 2019.

MATEIRO, Teresa. O comprometimento reflexivo na formação docente. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 8, 33-38, mar. 2003.

MATEIRO, Teresa. A prática de ensino na formação dos professores de música: aspectos da legislação brasileira. In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (Orgs.). Práticas de ensinar música: legislação, observação, registro, orientação, espaços, formação. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. Práxis Educativa. Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 jul. 2024. Epub 25-Nov-2021. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>.

PENNA, Maura. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 16, 49-56, mar. 2007.

PINTO, Camile Tatiane de Oliveira; LÜDERS, Valéria. Caminhos pedagógicos de uma disciplina de educação especial e inclusiva de um curso de licenciatura em música. Orfeu, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. e0106, 2023. DOI: 10.5965/2525530408012023e0106. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/23702>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SHIOZAWA, Priscilla Harumi; PROTÁSIO, Nilceia. O estágio supervisionado na licenciatura em música e o desenvolvimento da autonomia. InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS, v. 23, n. 45, 2017.

SILVERMAN; M. ELLIOT, D.J. Change in Music Teacher Education: A Philosophical View. In: CONWAY, C.; PELLEGRINO, K.; STANLEY, K.; WEST, CHAD. (eds.) The Oxford Handbook of Preservice Music Teacher Education in the United States. Oxford University Press, 2019